



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

INCLUSÃO E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA REDE PÚBLICA

Eixo: Educação, Diversidade e Inclusão

Subprojeto: PIBID Língua Inglesa

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Gisele Santos Amorim de Jesus (giselesantosj@gmail.com) & **Marcelo Silva de Oliveira**
(marcysilvapublicidade@gmail.com)

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa. Inclusão. Iniciação à Docência.

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido trata-se de um relato de experiência apresentado como resultado de observações realizadas por discentes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), uma das iniciativas que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e promove a inserção de discentes dos cursos de licenciatura no cotidiano escolar.

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre as ações e práticas pedagógicas adotadas na sala de aula de Língua Inglesa para a inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas em uma escola da rede pública da Bahia, no município de Feira de Santana, a partir do ponto de vista dos discentes do PIBID. Nesse contexto, estudantes com necessidades específicas enfrentam não somente desafios relacionados às suas próprias especificidades, mas também às condições estruturais e pedagógicas oferecidas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece em suas prerrogativas que:

... há um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em

conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)... (BNCC, 2017, p.7)

Considerando os informes do documento, fica clara a promessa de promoção da equidade no ensino dirigido a todos os estudantes, mesmo àqueles que possuem especificidades, o que também inclui o ensino de Língua Inglesa.

2 METODOLOGIA

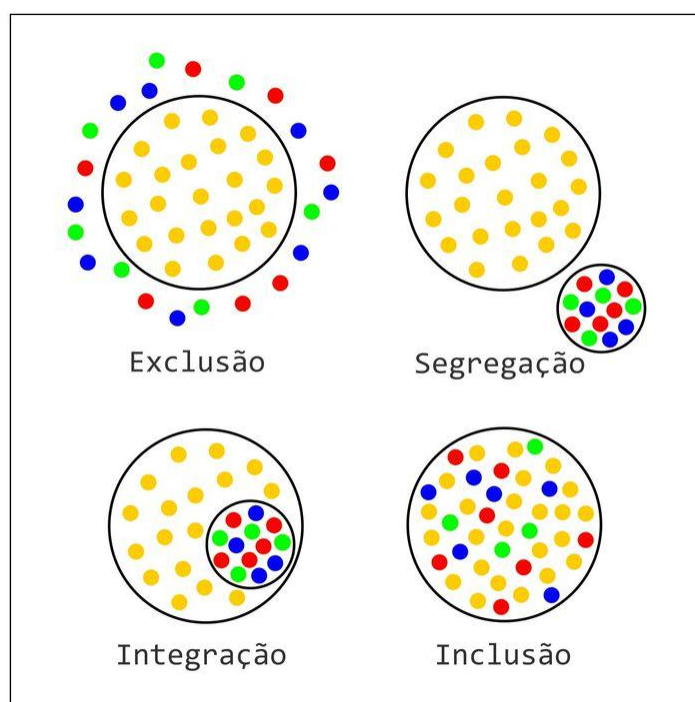
A pesquisa possui abordagem qualitativa, com escrita descritiva, sendo esta baseada conforme observações realizadas por dois alunos bolsistas do PIBID durante aulas de Língua Inglesa presenciais em uma escola pública, realizadas do mês de março à setembro.

Tais observações foram registradas em diário de campo e/ou dialogada entre os integrantes da observação. Foram registradas situações de interação (e a ausência destas) entre 4 estudantes com necessidades especiais, sendo estes (1) um estudante do primeiro ano do ensino médio com Síndrome de Down, que recebe atendimento especializado com uma cuidadora recentemente incluída ao quadro escolar, (2) dois alunos do segundo ano do ensino médio com Deficiência Intelectual (D.I) e (3) 1 aluna do segundo ano com autismo, a professora regente e as turmas as quais cada um destes estudantes frequenta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de nossa experiência em sala de aula proporcionadas pelo PIBID, tivemos a possibilidade de observar diversas relações sociais e educacionais dentro da escola. Os registros apontam que o estudante com Síndrome de Down, senta especificamente no polo direito da sala de aula, em uma das primeiras cadeiras da fila, um espaço isolado onde não interage com ninguém exceto, no começo do ano, a mãe e, agora, com a recém chegada profissional de apoio. Desta forma verifica-se que, na verdade, o apoio fornecido pela escola e pela docente trata-se de um processo de integração e não de inclusão, como representado abaixo na Figura 1.

Figura 1 - Exclusão, Integração, Segregação e Inclusão



Fonte: Autor desconhecido (Imagem encontrada no site O Baricentro da mente).

Além disso, até o meio do ano, não se aplicava nenhum tipo de atividade com a finalidade de inserir o aluno nas discussões da aula de Inglês. Constantemente a mãe, que estava presente na sala para prestar auxílio em atividades básicas do estudante, questionava sobre a falta de atividades de Língua Inglesa voltadas para a inclusão do filho. Com a chegada da cuidadora, pôde-se observar uma leve alteração nas atividades propostas: inserção de uma prova adaptada para o aluno em questão, apenas com verbos simples no Simple Past.

Conforme destaca Adorno (1995) a educação inclusiva vai muito além das adaptações estruturais, como: rampas, acessibilidade ao prédio escolar ou matrícula de estudantes em turmas comuns, esta precisa estar implicitamente ligada à escola e às práticas docentes, sendo estas com o objetivo de possibilitar uma educação emancipadora e crítica. No que diz respeito à escola alvo deste estudo, observa-se que a prática real da inclusão ainda é um sonho distante e o quadro escolar ainda é marcado por segregação, uma vez que os estudantes com necessidades específicas raramente interagem de maneira efetiva com os colegas de sala e professora regente, além de protagonizarem pouca, ou nenhuma, participação em atividades realizadas em sala de aula.

Esta situação não é um caso isolado, mas sim um padrão, às vezes não pelo lugar onde estes estudantes se sentam mas sobre o que eles fazem em sala de aula, é comum ver estes estudantes imersos em atividades adaptadas de disciplinas totalmente diferentes da aula que está acontecendo no momento, sem ter nenhuma razão para interagir com o tema da aula em questão. O diferente é muitas vezes tratado como tendo seu próprio mundo isolado, e a

professora dentro desta situação também não interage com ele. Além disso, tal comportamento expressa também certo desprezo pelo ensino-aprendizagem de língua estrangeira na rede pública por parte da gestão, que permite a realização de atividades de outras áreas de conhecimento em detrimento de uma aula que está em execução.

No que diz respeito ao trato dos outros alunos como os estudantes com D.I., eles são completamente isolados, sentando-se ambos no centro frontal da sala, sem interação direta sequer com a professora. É muito comum os bolsistas do Pibid realizarem a entrega de atividades impressas e serem questionados pelos alunos de inclusão sobre uma atividade adaptada que, em todos os episódios, não existia. Para Freire (1996) ensinar é um ato de apego à esperança, onde se espera do professor, seja este em formação ou com anos de prática docente, uma crença na possibilidade de mudança e crescimento. Sendo assim, como sempre é ideal reforçar, um ato político e ético. Dito isto, deixar estudantes à margem da sociedade, ou de uma sala de aula, é negar a este indivíduo o direito à aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente a situação observada é possível chegar à conclusão de que apesar de existir um acompanhamento especializado dentro da escola, a partir dos acompanhantes especializados e da sala de recursos, o sistema de ensino ainda falha em incluir estudantes com deficiência na comunidade escolar, uma vez que estes estudantes não interagem com a aula proposta ou com seus colegas de forma regular. Muitas vezes ficando isolados fazendo suas próprias atividades adaptadas que não dialogam com o conteúdo da aula dada.

Dito isto, ainda temos muito a melhorar quando se fala em inclusão dentro da escola, começando pela comunicação entre os professores da sala de recursos e os acompanhantes, a equipe docente e a coordenação da escola. Inclusão não pode ser feita a partir de uma única pessoa, mas sim de todo o sistema escolar, desde coordenação até cada um dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BRASIL . Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Brasília: MEC. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, 2017. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.**
Editora Paz e terra, 2014.